

# ARQUIVO 5

# A Globalização Econômica e os Clusters Regionais

Ricardo Moysés Resende<sup>1</sup>

A busca de atingir novos mercados e mesmo ampliar os mercados até então existentes tem forçado, tanto empresas quanto países a tornarem-se cada vez mais competitivos. A questão é o que fazer para obter esta competitividade requisitada na atual economia global.

O objetivo central deste artigo é analisar o processo de globalização e avaliar até que ponto um cluster pode propiciar vantagens competitivas a uma economia, discutindo também a questão do possível antagonismo entre a regionalização e a globalização.

A globalização, conforme BAUMANN (1996), vem sendo frequentemente caracterizada por uma integração econômica, social e financeira entre os países, cujas características e possíveis efeitos são crescentes, tornando-se expansiva por natureza e onde não existem indícios aparentes de sua eventual reversão.

Mesmo não sendo recentes as experiências no sentido de formação de espaços regionais de integração, somente nos meados deste século que a palavra integração começou a ser utilizada para referir a associação de várias áreas econômicas (PORTO, 1997).

O processo de integração em que as economias se aprofundaram, juntamente com a globalização, é uma realidade que exige esforços de todas as nações na definição de uma nova ordem econômica mundial. Com o fim de bipolarização, acabaram as relações verticais entre os países, criando a necessidade da criação dos blocos econômicos, cujas funções principais são de melhoria de competitividade internacional e veículo para harmonização de políticas macroeconômicas (PEIREIRA, 1998).

Contudo, a globalização trouxe junto consigo a discussão sobre dois cenários diferentes da mesma tendência, que são a integração e o regionalismo, em que cada

<sup>1</sup> MESTRE EM ECONOMIA UFV/MG E MASTER IN ECONOMIA ENI/ITALIA

país irá projetar seus caminhos de forma integrada com sua região geoeconômica, mas sendo questionada sua capacidade de implementar políticas próprias, a partir do momento em que transferir parte de soberania para instituições supranacionais.

As regras de comércio também estão sofrendo mudanças profundas com a globalização e a crescente competição entre as nações, fazendo com que a gestão da interdependência e dos conflitos de comércio passe a tomar a forma de acordos preferenciais, com a conseqüente formação de blocos regionais de comércio. Como estas regras estão sendo definidas cada vez mais por meio de negociações e cooperação entre as nações e passaram a englobar práticas institucionais, além das fronteiras nacionais, a harmonização das diferenças nacionais tornou-se uma tendência irrefutável para as nações se integrarem ao novo mercado mundial globalizado.

Segundo BRANDÃO (1996), para que os ganhos de comércio ocorram e se traduzam em crescimento econômico, é condição necessária que a liberação global e regional do comércio seja buscada. Assim, globalização e regionalismo são situações que tem de andar juntas pela via da liberalização geral do comércio.

Toda esta situação tem trazido à tona uma busca incessante entre as nações a fim de se tornarem mais competitivas, para que as mesmas possam usufruir da abertura comercial e dos novos mercados.

Destarte, emerge para estas economias um novo poder de competitividade que chega através dos clusters. Um cluster, em uma definição mais simplista representa um conjunto regional de empresas ou entidades que interagem entre si na busca de um potencial de crescimento. Através desta interação estas empresas geram e obtém sinergias, ganhando uma capacidade de crescimento competitivo através de redução de custos, economias de escala e novas tecnologias, dentre outros fatores.

Segundo PENNA (2001), existem grandes resistências entre os seres humanos para cooperarem entre si, mesmo que seja para competir com terceiros. O dilema imposto é o de se eu cooperar com ele, ele irá também me ajudar ou me superará? Esse dilema surge, de maneira consciente ou inconsciente no homem em sua vida na sociedade.

Diversos estudos realizados por cientistas sociais, filósofos e outros concluem que o dilema entre cooperar ou não sempre existiu na história da humanidade, desde estudos de Darwin, onde havia a vitória do mais forte, o gene do egoísmo, que

favorece relações de parentesco e regionais; a luta entre o solitário e o solidário, entre o egoísmo e o altruísmo, entre a confiança e a dúvida, entre a competição e a cooperação. Enfim, desde Smith a Hobbes, séculos XVII e XVIII, até os dias atuais, podemos concluir que os homens buscam a cooperação entre si principalmente na busca de seus próprios interesses. Como conseguir então a cooperação entre empresas e nações em um mundo globalizado e altamente competitivo.

Assim surgiram os clusters. Através das aglomerações de indústrias que estabelecem entre si fortes relações de complementaridade, numa sinergia que reduz custos, aumenta a capacidade de adaptação às novas exigências do mercado e à pressão dos competidores externos.

Para PORTER (2001), a globalização e a localização caminham juntas. Como isso, as regiões devem fazer melhor uso de suas especialidades, juntamente com o governo, que deve cuidar da infra-estrutura. É função fundamental do governo promover educação e treinamento, mediante apoio às escolas técnicas e universidades e infra-estrutura física, através de estradas, telecomunicações, serviços alfandegários e etc. Um cluster é limitado geograficamente, com a concentração geográfica permitindo às empresas operar de forma mais eficiente na busca de insumos, como mão de obra especializada, fornecedores e facilitação de acesso à informação e tecnologia, e surge a partir da especialização que pode ser de talentos, habilidades ou tecnologias específicas. Normalmente as empresas participantes são de um mesmo setor de atividade e correlatas, incluindo também instituições governamentais ou não, universidades e associações comerciais.

Como a globalização e a localização são processos que caminham juntos, pode-se afirmar que a globalização não reduz o poder local e sim reforça mais a importância da localização. Com isto, os clusters são importantes para a concorrência, a partir do momento em que aumentam a produtividade, direcionam a trajetória da inovação e abrem oportunidade de novos negócios, possibilitando a cada membro se beneficiar como se possuísse ganhos de escala.

Além destas vantagens citadas anteriormente um cluster fornece às empresas maior acesso a mão de obra qualificada e fornecedores, acesso a informações qualificadas, atividades correlatas, acesso a instituições e bens públicos, motivação e melhor avaliação de desempenho. A partir daí um cluster agregará as empresas e suas estratégias algumas questões como escolher a localização, se envolver na região, como aprimorar seu cluster e como trabalhar coletivamente.

No mundo atual, altamente competitivo, torna-se necessário ao cluster respeitar suas especializações. A partir do momento em que um país ou região se especializa, ele se torna mais forte e passa a não comercializar apenas localmente, mas também regionalmente e/ou globalmente, gerando vantagens não somente aos participantes do cluster, como também a toda a economia mediante aumento das receitas cambiais.

Como o cluster tem mais chance de sucesso nas pequenas cidades e regiões, onde existe uma maior vínculo social, colaboração, solidariedade e coesão comunitária, entende-se que a globalização e a regionalização não são questões antagônicas, mas sim situações que podem e devem andar juntas, conforme apresentado através dos clusters, onde para poderem competir globalmente às nações ou regiões procuram integrar-se e cooperarem entre si cada vez mais. Torna-se então importante que ocorra um equilíbrio entre as perspectivas globais e regionais. Entra em cena o papel dos clusters, como fator de estímulo e apoio ao crescimento local a fim de gerar competitividade regional e nacional.

### **Referências Bibliográficas**

- BAUMANN, R. Uma visão econômica da globalização. In: BAUMANN, R. (Org.). **Brasil e a economia global**. Rio de Janeiro: Campus/SOBEET, 1996. 237 p.
- BRANDÃO, A.S., PEREIRA, L.V. (Org.). **Mercosul: perspectivas da integração**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. 308 p.
- PEREIRA, L. **Mercosul: perspectivas da integração**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. 306 p.
- PORTER, M.E. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 897 p.
- PORTO, M.C.L. **Teoria da integração e políticas comunitárias**. Coimbra: Almedina, 1997. 469 p.